Ano I — Faro, 18 de Janeiro de 1913 — Num.º 79

O HERALDO

Avença

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — *J. P. Sousa* = Editor, — *L. Franco*
Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão
Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: —Trimestre 500 réis = COMUNICADOS E ANUNCIOS: —Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial.
Publicam-se todas as informações de interesse geral.

Politica nacional

A OBRA DE UM GRANDE ESTADISTA

Respondendo á politica agressiva dos evolucionistas, o sr. dr. Afonso Costa inicia brilhantemente o cumprimento do seu programa de governo e apresenta, ao paiz o orçamento geral para 1913, 1914, com 2.614 contos de economias.

Continua, paiz em fóra, por todas as fórmas e em todos os tons, a campanha irritante, levantada pelo chefe da patrulha evolucionista, contra o governo da presidencia do ilustre estadista dr. Afonso Costa.

Leia-se a biliosa e atrabiliaria imprensa do evolucionismo, desde o seu orgam oficial, a *Republica*, até ao mais insignificante jornaleco sertanejo, e logo ficará confirmado o que afirmamos.

Não ha insulto que lhes não tenha merecido o ilustre chefe do governo, não ha acusação por mais dementada e tola, que contra ele não tenha sido formulada, demonstrando á evidencia o terror panico que existe nas hostes romanticas desse partido extranho, incompreensivel e cuja orientação politica consiste, permita-se nos o termo, em não ser nem peixe nem carne!

A campanha alastra. Sem lembrar-se de que ainda nem sequer existe o mais leve motivo de critica contra o governo democratico, o grupo evolucionista não perde um instante na sua antipatriotica tarefa de pretender desacreditar por todas as fórmas e por todos os meios o glorioso Partido Republicano Portuguez, a cujo chefe não pode perdoar o grande crime de ter sido chamado ao poder e de ter conquistado, na sua orientação politica, o mais franco e decidido apoio de toda a opinião republicana do paiz.

O dirigente de toda esta campanha ridicula é, como não podia deixar de ser, o sr. Antonio José de Almeida, cujas frases bombasticas, mas vasias de sentido, os seus adeptos repetem incessantemente, num servilismo denunciador de uma caraterisada falencia inteletual.

Se o sr. Antonio José de Almeida fosse um politico do seu tempo, que tivesse seguido os progressivos estadios da evolução das ideas e dos processos, em vez de cristalizar numa figura de romantico banal, especie de *compère* grotesco de alguma revista politica, certamente que seria o primeiro e abandonar esses manejos *arte velha*, que hoje não produzem efeitos emerjentes nem derimentes e só servem para aumentar-lhe o desagrado, que soube conquistar na opinião publica pela sua incoerencia, pela versatilidade da sua politica e pelo odio sectarista que anima os janizaros que combatem sob a bandeira incolor e acomodaticia do seu *partido*.

Nunca fica bem a um grupo politico, militante dentro das instituições vigentes, ameaçar a Republica e muito menos quando á propria fraqueza deve os desastres e insucessos de que se queixa.

Os partidos politicos são ou deixam de ser governo consoante a força moral e material de que dispõem, e cedem logar aos seus adversarios quando essa força lhes falta, afim de na oposição se refazerem da falencia adquirida ou expiarem os erros cometidos, pelo tracejamento de outra linha de conduta.

Que culpa tem o Partido Republicano Portuguez que o sr. Antonio José de Almeida, apezar dos seus maravilhosos elixires, não tenha conseguido formar um partido capaz de governar o paiz?

Que quer, então, o sr. Antonio José de Almeida, com a sua ridicula campanha oposicionista!

Que o governo abandone o poder antes de ter começado a cumprir o seu honrado programa?

Mas isso seria loucura, e, contra os protestos do sr. Almeida e das gentes da sua grei, o governo ha-de ficar para cumprir as suas promessas, para realisar a seu progama, para integrar o paiz na Republica para, finalmente, assegurar de uma vez para sempre o prestigio da Republica e garantir, com a sua patriotica administração e as suas sabias medidas economicas, a independencia da Patria

Por isso as ameaças do sr. Antonio José de Almeida não produzem efeito e sua Ex.ª, apezar de toda a sua retorica rendilhada, apezar dos seus largos gestos de um exagerado romantismo, apezar consegue afundar-se a si e aos que o acompanham, num grande mar de ridiculo, visto que, revelando a mais completa ausencia de espirito critico, começa por tentar demolir o que ainda nem sequer está construido, e acusa o governo da falta de cumprimento das suas promessas, quando ainda mal os novos ministros tiveram tempo de tomar conta das respetivas pastas.

E' isto politica leal?

São isto processos que se imponham ao respeito e á consideração de todos, honrando quem os emprega e servindo de fanal á publica opinião?

Não! Longe disso!

Taes processos revelam apenas o despeito, a furiosa inveja, que corroe a hoste evolucionista, que sem forças nem competencia para dirigir o paiz e defender a Republica, não pode sequer resignar-se a ver que o glorioso Partido Republicano Portuguez vae, honrada e dedicadamente, concatenando os seus esforços e inergias para a realização completa das suas promessas.

E que as vae cumprindo honradamente atesta-o a sessão de quarta feira, no Congresso da Republica, em que o ilustre estadista dr. Afonso Costa, na sua qualidade de ministro das finanças, apresentou o orçamento geral para 1913, 1914, produzindo um brilantissimo discurso que lhe rendeu uma calorosa manifestação do povo, que enchia as galerias, e em que tomaram parte os senadores e deputados, que assistiram á memoravel sessão.

Respondendo com fatos aos argumentos e diatribes dos adeptos do evolucionismo, o sr. dr. Afonso Costa apresentou ao parlamento, depois de um brilhantissimo e elucidativo discurso, que durou cerca de duas horas e meia, o orçamento geral do Estado para 1913-1914, **com economias efetivas nas despezas dos ministerios, sem desorganisação dos serviços nem redução de vencimentos, na importancia de 2,614 contos de reis, reduzindo o respetivo deficit de 8,464 contos de reis, 3.435!**

E o paiz, apreciando devidamente a atitude patriotica e o trabalho valiosissimo do sr. Presidente do Conselho, apoia com toda a sua inergia o sr. dr. Afonso Costa e ri-se indiferente, perante a facundia do *Pae velho* do evolucionismo agonisante...

DR. AFONSO COSTA

Revestiu grande imponencia a manifestação promovida pelo Diretorio e pelas comissões municipal e paroquiaes do velho e glorioso Parti do Republicano Portuguez ao novo governo presidido pelo eminente estadista dr. Affonso Costa.

Movimento politico

Segundo os nossos colegas da imprensa de Lisboa, o sr. dr. José Vicente Madeira apresentou na quarta feira ao sr. Artur Costa, chefe do gabinete do sr. ministro do interior, uma comissão de influentes politicos do Algarve, a quem pediu que intercedesse junto do sr. dr. Rodrigo Rodrigues, afim de ser nomeado governador civil de Faro, o nosso presado colega de redação sr. dr. João Pedro de Sousa.

—Em Lagoa e Silves circulam abaixo assinados a favor de varios candidatos ao governo civil.

Como se vê é grande a lista dos indigitados, mas nada ha por emquanto de positivo.

VIDA DEMOCRATICA

DOCUMENTO IMPORTANTE

O Diretorio do Partido Republicano Portuguez enviou ao sr. presidente da Comissão Distrital Republicana Politica de Faro, a seguinte circular dirigida a todos os correligionarios:

«Lisboa, 9 de janeiro de 1913.—*Ilustres cidadãos*: —Sabeis como o sr. dr. Afonso Costa, de acordo com o Diretorio, se desempenhou da honrosa missão de organisar ministerio. Este, tal como se acha constituido, representa bem a nação que quer a Republica consolidada por uma administração austera e economica, fomentadora do trabalho e da riqueza publica. Os nomes dos cidadãos que constituem o ministerio são garantia de que a Republica Portugueza vae entrar em um periodo de atividade e progresso. O Diretorio congratula-se por ter podido cooperar na escolha d'esse grupo de cidadãos, contra quem, é de presumir, já estejam a assestar baterias os reacionarios, certos que não é de taes patriotas que os inimigos da Patria e da Republica teem a esperar contemporisações e benevolencias.

Para que o governo cumpra a sua missão, é preciso que trabalhe livre de interferencias perturbadoras, que só podem aproveitar aos reacionarios.

Se a economia nacional merece criterioso cuidado, as finanças exigem aturado estudo, que habilite a nação portugueza a honrar os compromissos que, em herança maldita, lhe legou a extinta monarquia.

O fomento agricola, comercial e industrial impõem-se. A rede ferro-viaria e outros meios de comunicação teem de se completar e melhorar. Na irrigação dos campos urge aproveitar as aguas que se perdem.

Precisamos preparar os nossos portos para o progresso na navegação comercial. A navegação nacional precisa desenvolver-se, principalmente a que facilite a permuta entre o continente e colonias e entre Portugal e Brasil.

A instrução publica carece do mais desvelado carinho, para que o analfabetismo desapareça e a consciencia do cidadão se liberte, cada vez mais, da ignorancia em que a extinta monarquia procurava mantê-la para se manter.

E entretanto, a administração politica, por todo esse paiz, tem de ser confiada a autoridades de reconhecida competencia e de comprovada dedicação ao regimen, radicada nos puros sentimentos democraticos.

Ao exercito de terra e mar tem de se proporcionar os meios de defeza da Patria.

As nossas colonias, por egual, reclamam toda a atenção, para que se desenvolvam de maneira a tornarem-se uteis a si e á metropole.

Apezar de muito que pelo ministerio da justiça se tem feito, desde a proclamação da Republica, muito ha ainda que fazer para completar a obra moralisadora da justiça.

Finalmente, pelo ministerio dos negocios estrangeiros ha que trabalhar para se manterem as nossas boas relações internacionaes, tornando-as, dia a dia, mais amplas e proveitosas.

Como vêdes, em todas as pastas o trabalho será enorme e requer toda a delicada atenção dos ministros.

Por isso o Diretorio lembra a todos os que verdadeiramente amam a Republica que não embaracem a ação do governo.

Os cidadãos que estão no ministerio, com enorme sacrificio aceitaram esse posto. Que, reconhecendo-o, cada cidadão verdadeiramente republicano nada solicite do governo e antes aguarde confiadamente a obra patriotica que ele vae encetar.

Saude e fraternidade.

O secretario do Diretorio
Luiz Filipe da Mata.»

CANCIONEIRO DO POVO

O' luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo;
Estou á porta de quem amo,
E não posso entrar contigo.

O' pedras desta calçada,
Levantae-nos e dizei
Quem vos passeia de noite,
Que de dia eu bem no sei.

Os inteletuaes

Dr. Sousa Viterbo

Associando-nos á simpatica homenagem promovida pelo nosso ilustre colega o *Diario de Noticias*, de Lisboa, que acaba de reunir num elegante volume, intitulado *Cem artigos de jornal*, a colaboração brilhantissima do grande espirito que foi o dr. Sousa Viterbo, resolvemos reproduzir o artigo que a morte deste nosso querido e ilustre professor nos inspirou.

Aproveitamos o ensejo para recomendar a todos os portuguezes, sem distinção de partidos politicos, que adquiram o livro *Cem artigos*, cuja produto é destinado a adquirir o bronze necessario para fundir o busto do dr. Sousa Viterbo, perpetuando por esta forma, as feições do grande poeta, e do arqueologo ilustre, que tanto honrou a sua Patria com os seus valiosissimos trabalhos.

Ao *Diario de Noticias* as nossas calorosas felicitações pela sua nobre iniciativa em divulgar a obra do grande Mestre Sousa Viterbo, e o nosso caloroso apoio ao seu honroso protesto contra a atitude incorreta do Senado, recusando-se a aprovar a verba necessaria para a fundição do busto do grande escritor, que tanto e tão desinteressadamente trabalhou sempre em pról do bom nome do nosso paiz.

Eis o nosso artigo:

Está de luto a literatura nacional.
Estão de luto as artes portuguezas.
Morreu Sousa Viterbo!

O desgosto, a amargura que esta frase sintetisa, só podem avalia-los os que privaram com tão luminoso espirito.

Figura primacial na literatura contemporanea, a sua modestia podia aquilatar-se pelo seu grande valor.

Dotado de uma prodigiosa atividade, esse trabalhador incansavel, que a morte acaba de prostar, foi um dos homens mais cultos do nosso tempo.

Longe do bulicio do mundo, agora que a doença e a cegueira o tinham privado da lecionação da sua cadeira de Arqueologia, na Academia de Belas Artes de Lisboa, Sousa Viterbo passou os ultimos anos de sua existencia entre os seus mais diletos amigos,—os livros—, cujas doutrinas sua filha, D. Sophia Viterbo, um gentilissimo espirito de mulher, lhe transmitia carinhosamente.

Assim que aqueles olhos tão sequiosos de ideal não mais puderam vencer o veu de trevas com que a cegueira os venderá,—como se o fumo de nevoas pudesse nublar as cintilações do genio!—logo sua filha pacientemente se transformou no seu mais assiduo colaborador, lendo ao sabio seus livros de consulta e escrevendo o que ele ditava.

E' grande e variada a obra de Sousa Viterbo.

Poeta distintissimo, de um vago sentimentalismo impregnado de sonho, ninguem como ele soube amoravelmente coligir as canções, os vilancetes e cantigas dos bardos esquecidos, quasi perdidas nas neblinas do passado. O seu livro «*Poesias de autores portuguezes em livros de escritores hespanhoes*» confirma esta asserção.

Investigador incansavel, são inumeros e valiosissimos os serviços que prestou á historia patria, materialisando em eruditas monografias o resultado das suas investigações de sabio.

Espirito eminentemente culto, apostolo devotadissimo das artes plasticas, a ele se devem trabalhos de incalculavel valôr, em que a sua poderosa individualidade de arqueologo e de artista de raça ficaram fortemente radicadas.

A sua obra de *mosaista* é importantissima e pode dizer-se que abrange toda a ati-

vidade artistica do nosso paiz, constituindo um repositorio abundante para consulentes.

Jornalista distintissimo, presidiu por largos anos á séção editorial do *Diario de Noticias* de Lisboa, tendo anteriormente dirigido o *Jornal da Manhã* e *O Comercio Portuguez*, ambos do Porto, em cujas colunas arquivou muitos dos seus melhores artigos.

A pintura, a escultura e arquitetura nacionaes mereceram-lhe particulares disvelos que se materialisaram em preciosos trabalhos taes como: *Artes e artistas em Portugal—Artes e artifices de Guimarães—Dicionario dos arquitetos, engenheiros e construtores portuguezes ou ao serviço de Portugal*, estudo valiosissimo e unico entre nós, bem como em muitas monografias, cada uma das quaes bastaria para firmar a reputação de um sabio investigador e de um estilista primoroso.

Mas vejamos o que, na advertencia do seu admiravel livro «*Artes e Artistas em Portugal*» nos diz o ilustre morto, em trechos que parecem escritos para uma autobiografia:

«Reunimos n'este volume algumas monografiasinhas, a maior parte das quaes andavam dispersas por publicações periodicas, sujeitas a todas as vicissitudes da imprensa diaria. Mereciam talvez esse destino, embora alguns amigos instassem comnosco para que colecionassemos e metodisassemos d'algum modo o que fôra fruto de aturadas investigações, tanto em livros, alguns d'eles quasi desconhecidos e ignorados, como nos arquivos e bibliotecas. Acedemos a esses reparos e pressões amigaveis, retocando e melhorando, corrigindo o que nos parecia menos fundamentado, ampliando e confirmando o assunto com novos documentos.

Não se limitam o nosso estudo e o nosso trabalho ao campo das belas artes propriamente ditas, mas entendemos que não nos seriam tomadas contas se aplicassemos igualmente o nosso criterio ao estudo das artes industriaes e de algumas industrias, que entre nós tiveram acolhida e que poderiam de novo e proficionalmente renascer.

A oportunidade estava sem duvida indicada desde que em todo paiz se accentuou o movimento em favor da industria. Um povo que apresenta por unicos brazões as paginas brilhantes da sua existencia passada, pode ocupar um logar muito honroso na historia, mas deixou de pertencer á falange dos que caminham na vanguarda da civilisação.

A atividade de um povo não se manifesta nas recordações heraldicas mas nos prudritos do seu engenho, do seu esforço, do seu trabalho contemporaneo. Quem contribuir para esta regeneração do paiz, quem o impulsionar neste caminho, quem lhe demonstrar que ele possue a capacidade tecnica e a aptidão industrial terá, creimos nós, feito uma bela obra do mais salutar patriotismo. Esta crença nos guiou e, se erramos, parece-nos que o nosso erro não deixará de ser abençoado por todos os espiritos generosos que comungam na mesma aspiração elevada e se alimentam do mesmo ideal.

Sem nos desviarmos por um momento da verdade e do rigor historico, procuramos de algum modo suavisar a rudeza de qualquer investigação, dando-lhe um colorido, quanto possivel pitoresco, tornando assim a leitura mais atraente e cativante. E não nos foi dificil o intento; quasi instintivamente nos desempenhámos dele, porque a materia prima a encontramos natural e abundante na prosa dos cronistas e dos narradores, nos versos dos nossos poetas, algumas vezes até nos proprios documentos.

Uma imaginação mais viva que a nossa, uma linguagem mais primorosa, e um estilo mais delicado teriam feito maravilhosas, fabricando no tear da fantasia uma tela historica, que sem deixar de ser verdadeira, apresentasse todavia n colorido mais deslumbrante e fascinador. Os capitulos em que tracejamos de relaoce a historia das tapeçarias e das danças mostram-nos ao mesmo tempo todas as fazes da vida portugueza, já festiva e descuidosa, já lutuosa e dramatica.

A historia de Portugal, baseada unicamente nos seus fastos policos e economicos, tal como a escreveu magistralmente Herculano, na sua prosa de bronze, monumental, quer-nos parecer que não traduz perfeitamente a vitalidade caractiristica da nossa raça nas suas multiplices e variadas feições. Considerada assim, sob este unico aspeto, é uma cousa grandiosa, epica se quizerem, imponente como uma estatua, mas fria como ela. A epopeia precisa de ter o seu episodio galante, como sucede nos *Lusiadas*, onde a figura do Veloso não prejudica o vulto do Gama, antes o realça. A historia deve ser um quadro á Ticiano, com o seu colorido brilhante, com as personagens que a desempenham no primeiro plann, com os monumentos e a paisagem ao fundo.

Que livro prodigioso não seria aquele que escrevesse quem nos pintasse a historia de Portugal atravez das suas construções, dos seus usos, e dos seus costumes, do seu valor fisico e moral, das suas aptidões literarias, industriaes, artisticas e cientificas!»

O Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, contava 65 annos de edade, era formado em medicina pela Escola Medica de Lisboa, tendo feito o seu curso á custa do seu unico esforço.

Que descance em paz o prestante cidadão e incansavel trabalhador, exemplo de civismo e de dedicação á patria.

Aqueles que, como eu, podem orgulhar-se de ter sido discipulos, ainda que dos mais obscuros, de tão peregrino engenho, decerto me acompanham partilhando da comoção dolorosa com que tracei estas linhas de singelissima homenagem ao que foi um grande poeta, um insigne arqueologo, um ilustre escritor e critico de arte, um jornalista distinto e, mais do que tudo, um mestre tão bondoso como proficiente.

Que a Arte, a que tantos e tão assinalados serviços prestou, inscreva nos seus luminosos fastos o nome veneranlo de Sousa Viterbo, um dos seus mais desinteressados adoradores e um dos mais lidimos caracteres que tenho conhecido.

Faro, 1-1911

Lyster Franco.

NOTAS E COMENTARIOS

A «bon entendeur»

E' mesquinho e reles o tumultuar das paixões, odios e invejas que por toda a parte nos circundam.

Por todos os lados a intriga, revestindo o mais asqueroso aspeto de personalismo, tenta embaraçar-nos o caminho com a rede tenebrosa dos seus liames peçonhentos.

No imenso tremedal, no grande esterquilinio em que se debatem uns miseros corroidos pela lepra da inveja, uns insignificantes, que só por mercê do mais estupido acaso chegaram a dar sinal da sua existencia imbecil, atiram-nos ameaças, alvejam-nos com as azagaias hervadas pelo despeito e caluniam-nos com um impudor e uma covardia espantosa, sempre a coberto do mais impenetravel anonimato!

Pois tirem as mascaras, que lhes vedam os rostos onde a mais criminosa das degenerescencia poz o selo indelevel, e apareçam.

Dispam o *travesti* de D. Razilio e as roupagens de Iágo e saltem para a liça ás claras, floreando as suas armas de combate, porque só assim, em campo leal, aberto á discussão e sob a luz forte da evidencia dos fatos, nós sabemos lutar.

Mas não! jesuitas por instinto e por habito, preferem apunhalar na sombra, enodoando com a sua baba infeta de escropiões, a reputação de quem os despreza!

Para os que passam a sua existencia de inuteis e de politicos falidos atirando-nos com os jatos vinolentos da sua prósa rascante, de mercenarios ganhões ao serviço das proprias conveniencias, o nosso desprezo, já que não pode alcança-los a ponta da nossa bota, nem o chicote do nosso lacaio.

E basta.

A Republica Social

Visitou-nos este nosso colega lisbonense, orgam dos Centros socialistas *Operario de Lisboa, Operario de Lameiras e 10 de janeiro de 1875.*

A Republica Social, fundada em 1890 pelo falecido propagandista Azeno Gneco nosso saudoso amigo, iniciou a sua quarta serie no dia 10 de janeiro, precisamente 38 anos depois da organisação oficial do *Partido Operario Socialista Portuguez.*

Este nosso colega refere-se ao comicio de S. Braz e não oculta que tambem lhe não agradou o que escrevemos sobre o assunto.

Como, porem, já da nossa parte esclarecemos o incidente, julgamo-nos dispensados de reproduzir as nossas razões e limitamo nos a desejar á *Republica Social* muitas prosperidades.

Uma sessão historica

No fim daquela notabilissima sessão parlamentar, de quarta feira, em que o sr. dr. Afonso Costa, impulsionado pelo mais veemente patriotismo, produziu um monumental discurso, em que, sem lagrimas de desalento nem risos de optismismo, traçou o caminho já iniciado para se restabelecer perduravelmente, honestamente, o equilibrio das finanças do paiz, á voz geral era esta:

—Fez-se hoje de novo a proclamação da Republica!

Estes sucessos enchem-nos do mais legitimo orgulho e por isso os registamos comovidamente.

Histerismo

De *Kaianar*, feio pseudonimo de uma dama sensivel, que exteriorisa em cartas, publicadas nas colunas do nosso presado colega *O Aldeão*, as maguas que lhe vão na alma:

«Tinha eu 18 anos quando pela primeira vez aceitei o amôr de um rapaz de 22.»

Pelo exposto, até ás suas 18 primaveras passou o melhor do seu tempo a namoriscar petizes.

Pois fez V. Ex.ª muito bem, mas não venha agora, transformada em Madalena arrependida, desferir seus cármes pranteando a ingratidão dos homens e não chore porque.... se faz feia.

A'vante!

Assim passou a intitular-se o nosso presado colega *O Povo de Oeiras*, bem redigido semanario, orgam do grupo de defeza da Republica «Terra Livre.»

Desejamos-lhe sob o seu novo titulo a continuação das simpatias que conquistou entre a opinião republicana, com o seu nome anterior.

Definição arte nova

Trecho seleto de um editorial da *Republica*, firmado pelo sr. Antonio Granjo.

«Foi sonhando que os nossos navegadores avassalaram o mundo, e foi, sonhando que os republicanos implantaram a Republica.

O sonho é, no fim de contas, a *carne dos ideias* e o *vinho das almas.*»

Pois não sabiamos.

Muito temos nós que aprender em materia de extravagancia com os evolucionistas.

Agora até o sr. Granjo, na ancia de materialisar o que é incoercivel, nos fornece esta substancial afirmativa:

O sonho é a carne das ideias. O sonho é o vinho das almas.

Oxalá o ilustre deputado evolucionista se resolva a completar as suas pitorescas definições filosofico—culinarias, dizendo-nos, por exemplo, qual é a sopa do pensamento, o arroz da reflexão e a sobremesa da iniciativa, etc, etc, etc...

Lirismo agudo

Recortamos do *artigo lamuria*, do sr. Antonio Granjo:

«Deixem-nos sonhar...

Pois se nós não perturbamos a digestão paciente e tranquila de ninguem, se nós, como é proprio de todos os idealistas, nem sequer andamos á busca de escandalos ou de situações equivocas, se somos candidos lunares por este mez algido de janeiro e inocentes como uma pérola de orvalho caida na corola de uma rosa de toucar,—que importa á magestade olimpica de tão altos e ouipotentes senhores que nos dêmos ao luxo de querer organisar as forças nacionaes em volta de uma aspiração de paz que faça estremecer todos os corações na mesma ancia de amôr pela terra portugueza?»

Esta das aspirações de paz, é de primeirissima ordem. Cá em Faro, basta compulsar o orgam do partido evolucionista da rua do Compromisso, onde se insulta e ridicularisa tudo e todos para que fiquemos bem identificados com as *taes aspirações de paz*.

POETAS

O NOSSO LAR

Quem vir—como eu os vejo—decorrer
Anos e anos de uma vida rota
Em miseraveis quartos de aluguer

Frios no inverno e no estio em braza,
—A um amor sonhado de mulher
Alia sempre o sonho de uma casa...

O aspeto de uma casa raro mente;
A côr, as linhas de uma frontaria
Dão logo a perceber nitidamente,

Melhor do que um visinho o contaria,
O genio e a indole da gente
Que n'ela tem o lar, a moradia.

Vejam esses *cottages* tanto em moda
Entre os inglezes e os capitalistas,
Com grades no jardim a toda a roda...

Impenetraveis ás alheias vistas...
Não abrem nunca uma janela toda...
São mudos, graves, individualistas.

E aqueles caixotões de pedra e cal
Que surgem ao formar-se um bairro novo
No constante engordar da Capital

(O que eu, aliás muito aprecio e louvo...)
—Não mostram bem com o seu ar banal
A falta de carater d'este povo?

Quando uma santa e pobre rapariga
Em cujo olhar se abranda o meu sofrer
E a cujo coração o meu se liga

Puder chegar a ser minha mulher,
Eu quero então que a nossa casa diga
Bondade e alegria de viver.

Terá um só andar. Grandes alturas
Causam vertigens, trazem ambições.
Os sonhos de riquezas e de aventuras.

Enchem as almas de desilusões,
A felicidade vem ás creaturas
Da pacificação dos corações.

As portas sem degraus. Que sejam rentes
Da terra. Portas largas e rasgadas,
Convidativas, francas, atraentes;

Ao rez da terra, para as aleijadas
E os tropegos velhinhos indigentes
Se não cançarem a subir escadas...

Amplas janelas para a Natureza,
Que o sol na sua clara irradição
Dissipe atravez d'elas a tristeza;

Amplas—e baixas. Quem precise pão,
E o vir da rua sobre a nossa meza,
Que estenda o braço, que lhe lance a mão...

Ao lado um horto e um jardim flagrante,
Sem grades, aguçadas para o ceo.
A grade é agressiva, hostilisante,

E sempre a impressão cruel me deu
De um dono que bradasse no caminhante:
—Tudo isto aqui é meu, sómente meu...

Sem gradeamento. Um murosito apenas
Revestido de rozas de toucar,
De ariolas, de glicinias, de verbenas.

Muro d'onde os que forem a passar
Vejam lilazes, cravos, assucenas...
—E a paz, a doce paz do nosso lar.

AUGUSTO GIL.

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

CONTOS E NOVELAS

O PRINCIPE AMOR

(De Briére)

Era uma vez...

Magicas palavras estas, semelhantes á uma soberba cortina de veludo recamada de oiro e pedrarias, através da qual se oculta sempre o fantastico e prodigioso de alguma narração surpreendente ou de algum conto de fadas...

Era uma vez...

Basta só ouvir esta frase para que a imaginação voando por espaços imaginarios, descubra dilatados campos revestidos de arvores maravilhosas, á sombra de cujas ramas cantam passaros de reluzente plumagem, de bico doirado e olhos brilhantes.

E se juntar-mos: Era uma vez um rei e uma rainha... então, como que obedecendo a algum magico esconjuro, logo surgem á nossa imaginação magnificos palacios, esbeltas colunatas de marmore e alabastro, balaustradas de jaspe e de malaquita e escadarias majestosas, guardadas por lindos pagens, que saúdam graciosamente damas e cavaleiros que por ali prepassam em vistoso cortejo.

Por isso, desejando olvidar por um momento a aridez da realidade, deligenciarei descerrar essa cortina fantastica, recordando um dos contos que, em dias já distantes e saudosos, mais interesse conseguiu inspirar-me.

* * *

Dizia eu:

Era uma vez um rei e uma rainha.

Em que paiz reinavam? Nunca consegui sabe-lo ao certo, nem isso importa muito para o caso, visto que os paizes ignorados ofereceram sempre maiores encantos.

Basta saber-se que reinavam em um paiz de fadas, onde todo o maravilhoso é possivel, onde tudo obedece ao influxo magnetico do sortilegio, que é prenda caracteristica da soberania dos genios.

Como se chamavam aquele rei e aquela rainha? Não me recordo; por isso lhes daremos os nomes que melhor nos pareçam.

Sejam, pois, a rainha Ametista e o rei Topazio.

Levam nomes de pedras preciosas que é para dar algum brilho aos nossos personagens, para que se distigam, ao menos pelo nome, do resto dos mortaes do formoso e imaginario paiz.

O rei Topazio amava apaixonadamente a linda rainha Ametista, aumentando o seu amôr logo que se certificou de que a sua real consorte ia dar-lhe, em breve, um legitimo herdeiro ao trono dos Topazios, uma das mais historicas monarquias do mundo ideal.

E assim foi, com efeito.

Maio floria quando a regia vergontea viu a primeira luz.

Para predizer-lhe o futuro acudiram as fadas de todos os pontos dos quatro quadrantes.

Vieram em formosos e brilhantes carros de oiro, montados sobre rodas de diamantes e tirados por aguias de plumagem nevada; carros tão ligeiros, que apenas roçavam as nuvens e estas, á sua passagem, logo se transformavam em caprichosos pavilhões, que tinha todos os esplendores e cambiantes do arco-iris.

Na regia camara alcatifada por todas as flores daquela primavera, levantava-se o berço do real menino, coberto por preciosas cortinas de renda, que suavemente as fadas erguiam ao dar-lhe cada uma o seu dom.

Safira deu-lhe os olhos azues mais formosos que contemplaram jamais a luz do sol.

Rosa, prometeu-lhe a sua frescura, pondo no berço um formoso ramo de flores de liz.

Granada, beijou-o nos labios, transmitindo-lhe nesse beijo a sua viva e formosa côr.

Valerosa prometeu-lhe que seria invencivel.

Magnanima agourou-lhe um coração esforcado e clemente, e uma e outra, ao passar junto do berço, iam desfolhando flores e depositando corôas sobre o pequeno ser que acabava de vir ao mundo, e que com certeza teria desaparecido promptamente se não fosse um menino tão extraordinario e excecional!

* * *

Mas eis que chega junto ao doirado berço, convertido em acafate de flores, Escabiosa, a fada fatidica, por cujo motivo os reis haviam evitado visita-la. Veste larga tunica de crépes negros, semeada de estrelas prateadas, apoiando-se num artistico bacnlo de ébano.

Ao ve-la aparecer todas as fadas se juntaram para cortar-lhe o passo; porem Escabiosa, frustrando-lhes as intenções, chegou até junto do berço. Ninguem ignorava que em sua juventude tinha sido amante do rei Topazio, e ninguem ignorava tão pouco que, ao ver-se desdenhada por ele, tinha jurado tirar terrivel vingança do agravo; de ahi a inquietação, o receio de fadas e cortezãos ao ve-la penetrar no regio alcáçar quando nele se celebrava um sucesso que enchia de jubilo a nação inteira.

Ao observar a agitação que sua vista produzia em todos presentes, afetando a maior tranquilidade, Escabiosa disse;

—Não temais, dilctas companheiras porque os dons e mercês com que me proponho favorecer o real menino são os que mais pode ambicionar um mortal afortunado.

Se faltar a tal promessa, conjuro-as para que todas unidas me tirem nesse dia o meu poder.

E, separando as primorosas cortinas do berço, abraçou o terno principe, e, depois de imprimir um beijo na sua fronte, proseguiu:

—Lindo menino, regia vergontea, minhas irmãs deram-te já o valor, a formusura, a elegancia, a clemencia, as riquezas, tudo quanto, enfim, um principe pode ambicionar e possuir; porem, que valem taes dons, se, quem os possue, igual aos demais mortaes, é condenado a envelhecer e a morrer? Menino: eu te fado graça de amor, mais fiel e de juventude eterna; serás amado e amarás por tua vez, e tua juventude e tua vida não terão fim.

E, juntando ás suas palavras um gesto pausado e triste, tocou com a sua varinha de bronze no rosto do augusto menino, retirando-se logo do palacio.

As fadas ali reunidas ficaram atonitas de assombro e de surpreza.

Teria, realmente, Escabiosa perdoado o sangrento desengano de Topazio? Teria ela agraciado o filho do seu ofensor com os dons que mais feliz podem fazer um mortal: o amor e a vida?

Não. Escabiosa não tinha perdoado. Ao contrario: acabava de vingar-se de quantos agravos e humilhações tinha sofrido.

* * *

O principe cresceu e fez-se homem, sendo tal a sua formosuta e gentileza, que em seus vastos dominios e fóra deles, todos amavam o Principe Amôr.

A rainha Ametista e o rei Topasio miravam-se nos seus olhos como na superficie de um formoso e tranquilo lago azul; porem, impacientes por assegurar a sucessão ao trono, contrariava-os á apatia com que seu filho olhava todas as princesas e a indiferença que sentia sempre que olhava para uma mulher.

Um dia, uma joven boemia chegou ao grande pateo do palacio real, levando só em sua companhia uma cabra de branquissimo e encaracolado velo.

Estava á janela do regio alcaçar o Principe Amor, que, ao ver a joven boemia, empalideceu de uma maneira extraordinaria.

A boemia, por sua parte, depois de olhar o Principe, baixou seus olhos de diamantes negros, tomou a sua pandeireita adornada com profusão de vistosos laços e fitas e poz-se a tocar uma aria, cujo compasso a cabra seguia com pasmosa exatidão.

Desejando procurar uma distração a seu filho, o rei convidou a menina a que bailasse e cantasse uma dança do seu paiz, sendo tal o encanto do Principe que, apenas aquela tinha acabado, logo disse:

—Eis aqui a unica mulher que tomarei por esposa, ou ela compartilhará comigo o trono, ou vosso filho morrerá, rei sem sucessor...

Como não podia deixar de ser, o rei Topazio e a rainha Ametista encolerizaram-se, chegando a ameaçar de morte a boemia, porem esta, sem perder a sua tranquilidade e sem levantar os olhos do chão, exclamou.

—Nada temais!—se a minha sina é ler nas linhas das mãos alheias a sorte e o porvir dos homens, natural é que algum dia me tenha preocupado lendo nas minhas proprias. Nunca, nunca tomarei por esposo o Principe Amor, apezar de amar-me ele tanto, e de tanto eu o amar tambem.

Sómente um favor vos peço: é que me consintaes que com minha cabrinha eu passe a noite nos estabulos do palacio, dando-vos a minha formal palavra de partir logo que rompa a madrugada.

Permiti-me, tambem, que em prova de respeitosa submissão beijem os meus labios as augustas mãos do Principe Amor.

* * *

E lentamente, com o casto arroubamento da educanda que chega pela primeira vez á sagrada mesa, a pequena boemia chegou até ao gentil Principe Amor, ajoelhou-se em sua presença, e tomando timidamente sua destra, beijou-a com o maior respeito.

Levantando-se logo e com tranquilidade não isenta de singular encanto retirou-se levando em seu joven coração todos os misterios do amôr.

Quando, ao amanheçer do outro dia os guardas palatinos penetraram nos estabulos, deram com o cadaver da pobre boemia, a cujo lado exalava lastimosos balidos a cabrinha do vélo branco...

Durante largo tempo o Principe Amôr esteve inconsolavel, mostrando-se insensivel a quantas distrações lhe procuravam.

Seus paes, o rei Topazio e a rainha Ametisto, morreram de desgosto, consumidos pela tristeza de que a sua raça ia extinguir-se.

Por morte do rei Topazio, subiu ao trono o Principe Amôr a quem nem o cumprimento dos deveres inerentes ao seu alto cargo conseguia aliviar das amarguras que o afligiam.

Os seus vassalos não se preocupavam em discutir os seus atos; o que lhes chamava grandemente a atenção era que o tempo não decorresse para o seu monarca, em cujo formoso semblante parecia eternizar-se a mais louçã mas triste juventude:

E é por isso que as gerações sucedem umas ás outras e que o Principe Amôr, sempre joven e formoso, não morre, nem pode morrer, por mais que o deseje e contemple maguado os homens que, uns apóz outros, adormecem no consolador repouso dos tumulos.

Por isso, embora as lagrimas deslizem incessantemente pelas suas faces, cuja palidez, as acucenas invejam, ele, o lindo Principe Amôr existirá eternamente ainda que sangrem em seu coração as grandes feridas que o eterno amôr e a eterna beleza, dadivas de uma fada maltaseja que se vingou no filho do desprezo do pae, nele cruciantemente produziram...

Lyster Franco.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Sabedoria antiga

Diz a sabedoria do povo:

Janeiro *gioso*, fevereiro *nevoso*, março *molhinoso*, abril *chuvoso* e maio *ventoso* fazem o ano formoso.

Isso era dantes!

Agora, com a oposição furibunda do sr. Antonio José de Almeida e dos seus sequazes, urge modificar o conceito, não só para a formosura ser completa, mas tambem para registar devidamente a ação oposicionista da falange romantica.

Para isso propomos que janeiro passe a ser *bilioso*, em homenagem ás catilinarias da irmandade evolucionista.

As comores

O arquipelago das *Comores* está situado a meia distancia entre Madagascar e o continente da Africa.

As *Comores* não pertencem nem a Madagascar nem á Africa; foram postas em 1886 sob o protetorado da França, que ali conserva uns funcionarios denominados *residentes*.

Quasi todos os mussulmanos, os Comorianos só entrarão muito lentamente na corrente da civilisação da Europa.

Ainda que de pouca extensão, o arquipelago tem uma grande importancia estrategica pela sua posição quasi á entrada do canal de Moçambique, que banha a nossa possessão do mesmo nome, e no flanco da grande ilha de Madagascar.

A superficie total das illhas é de 2.067 kilometros quadrados e a sua população orça por 48.000 habitantes.

São estas ilhas vulcanicas, montanhosas e de aspeto mui irregular; de extrema fertilidade; as arvores gigantescas veem-se ali em grande numero.

Os habitantes são governados por *sultões*; e os atos solénes redigidos em arabe.

As *Comores* são 4—ao norte a grande *Comore*. (Auganiga,) *Mohéli*, ao sudoeste, *Anjonan* ou *Joana* a este; e Maigota a sudeste. Esta ultima é colonia franceza desde 1843.

Isto é o que toda a gente sabe.

Mas o que ninguem ainda sabia é que santo Antonio José de Almeida, raivoso por não apanhar o poder, pensa em implantar o evolucionismo nestas ilhas já que não pode implanta-lo na ilha da Galinhas.

Longevidade

Existem na Prussia cêrca de 5.000 pessoas com mais de 90 anos.

A provincia da Prussia que tem mais velhos é a Pomerania, onde o ar é excelente e onde a raça germanica se encontra cruzada com a raça slava, uma das mais fortes.

Não ha lá por emquanto, evolucionistas.

Um monopolio?

A laboriosa classe maritima de Faro anda justamente alarmada, em consequencia de ter constado que um grupo de individuos desta cidade trata de conseguir o arrendamento de parte dos terrenos da ria de Faro, denominados *canal de Olhão, Restinga do farol, Abeirada do mar santo e Cabeça do mexilhão*, onde se encontram os mais importantes viveiros naturaes de ameixoa na costa do Algarve, e em cuja apanha chegam a empregar-se mais de mil pessoas.

Uma tal concessão, segundo nos foi garantido, reprezentaria o mais grave dos prejuizos para a classe maritima em geral e para os ameixoeiros em particular.

Compreende-se, por isso que os pobres maritimos, vendo o espetro da fome adejar em volta das suas humildes cabanas, protestem contra esse novo monopolio que ameaça reduzi-los á miseria.

Segundo nos consta, uma comissão de marítimos dirigiu-se á capitania do porto onde, apesar de se apresentarem na melhor ordem, foram ameaçados pelo sr. Quaresma, que certamente teria procedido melhor atendendo-os, visto que nestes tempos de Republica não é com ameaças de prisão que se responde a quem reclama justiça.

Vendo o insucesso das suas deligencias junto da capitania do porto, os ameixoeiros dirigiram-se ao governo civil e telegrafaram ao sr. ministro da marinha pedindo-lhe que não concedesse o arrendamento dos viveiros naturaes e prevenindo-o de que lhe ia ser enviado um veemente protesto contra o projétado monopolio.

Entre outros, contando-nos largamente o caso e dizendo-nos de sua justiça, estiveram na redação do *Heraldo* os maritimos Antonio Augusto Ferreira, Manuel dos Santos e Joaquim Custodio.

Pela nossa parte, escusado será acentuar que estaremos do lado dos humildes contra os poderosos, ao lado dos que trabalham e produzem contra os que exploram e se locupeletam com o produto de alheias inergias, por isso, se justiça lhe assiste, conte comnosco a classe maritima de Faro, porque, dentro dos limites da nossa esfera de ação, sem insolencias nem agravos, improprios dos nossos principios politicos e jornalisticos, desde já prometemos advogar a sua causa com o maximo interesse.

Entretanto, chamamos para o caso a atenção do sr. ministro da marinha e aproveitamos o ensejo para lembrar a S. Ex.ª que, em algumas capitanias, foram ultimamente colocados oficiaes, sem que exista lei que autorise ou justifique taes comissões.

Saudação

Os nossos presados correligionarios da Fuzeta enviaram ao ilustre estadista, dr. Afonso Costa a seguinte saudação:

Ao insigne estadista Dr. Afonso Costa, ilustre Presidente do Concelho de Ministros e Ministro das Finanças:

Cidadão:

«Nós abaixo assioados, intrepretando o patriotico sentir de todos os verdadeiros republicanos, congratulamo-nos com a vossa interferencia no poder e saudamos a joven Republica.

Saude e Fraternidade.

Fuzeta, 15 de janeiro de 1913

Augusto José Martins Revez, João Martins Ramos, Leandro Batista, Domingos Xavier Pereira, José Ignacio Palermo Senior, José Inacio Palermo Junior, Gaspar Pedro Rolão, João Manuel, Manuel Rolão, Manuel Trindade, Sebastião de Goes, José Dias, José de Sousa Guiomar Severo, João da Conceição Boa-Morte, Joaquim de Sousa Vestia, Francisco Luiz, Francisco Martins Silverio, Artur do Nascimento, Maria da Conceição Costa Revéz, Antonio da Costa Revez, Joaquim da Costa Revez, Idalina da Conceição Rolão, Gregorio Rolão, Manuel José Branco, Ludovina da Conceição, Lourenço Martins de Barros, José Pacheco, José de Sales Grade, Agostinho Chierigo, Francisco Soares Conzo, José Romão da Silva, João Pedro Bento, Dionisio de Sousa Romão, Francisco da Encarnação Martins, Jeronimo de Almeida Estrela, Bruno Rolão, Manuel da Silva, Joaquim Pedro Rolão, Antonio Anastacio Soares, Francisco da Conceição Tavira, Manuel Santa Luzia, Manuel Bento, João Martins do Nascimento, Joaquim Inacio da Costa, Manuel Contreiras, Luiz do Carmo, José Bento de Aguiar, Leandro da Silva Ramos Junerio, Antonio Pedro Mesquita, José Batista Rolão, Domingos Rocha, Salvador da Cruz Mendes, Emilio Pedro Rolão, José Anastacio Dias Costa, Alfredo Simões, Antonio Batista, Antonio Mendes, Marques da Conceição, Manuel Joaquim Bexiga, Virgilio da Paixão, Antonio Prazeres, José Filoza, João de Oliveira, Manuel Picoito, Joaquim Firmino Charneca, Lourenço da Paixão, Virissimo da Silva Ramos, Alfredo Estrela, Antonio da Conceição, José Soares, Amancio José, Manuel Cavaco, Joaquim Antonio Chula, Manuel da Craça Afonso, Manuel Agostinho, João Pacheco, José Dias Batista, Manuel do O', José Marques Frias, Manuel Martins Mario, Fausto Pacheco, Maria Assunção Agostinho, Maria Tereza Agostinho, Manuel José da Graça Afonso, Celestino do O' José Batista Dias, Manuel Caetano, Manuel da Cruz, José da Silva Carepinha, Antonio Rodrigues Vasques, José Miguel, Rita Barafusta, Catarina da Conceição, Ermelinda de Jesus, José Salvador, Etelvina Lucia Madeira, Amadeu Ernesto, Francisco Esteves, Manuel Chagas, Manuel Domingos Gonçalves, Manuel Henriques Evangelista, Marques da Siva, Ricardo Joaquim dos Santos e José do Carmo.

Por absoluta falta de espaço vemo-nos obrigados a retirar muitos originaes já compostos para este numero.

CASAS

Vende-se um predio de casas em S. Braz de Alportel, situado nas Quatro Estradas. Quem pretender deve dirigir-se á travessa do Capitão Mór, n.º 11, Faro.

HOSPEDARIA LUSITANA

Recebem-se hospedes e dá-se comida a preços modicos.

Largo de S. Pedro n.º 41—FARO

Vinhas, vinhos e prados

A. VENANCIO PACHECO

Br. 600 reis.

Politica de Tavira

PROEZAS EDIFICANTES DO GRUPO "UNIONISTA"

Os unionistas, senhores de baraço e cutelo como dizia o ex-mandão cá do sitio, acabam de perder a eleição do Compromisso. E' a segunda derrota que experimentaram. No Monte-pio, como encontraram pela frente uma direção honrada, nada puderam fazer a não ser .. mandar inscrever na áta uns tolos votos de censura á digna direção.

No compromisso tudo mudou porem de figura, razão pela qual essa eleição se deve considerar uma pagina negra para o unionismo de Tavira. Sim... porque pagina de lama, só a da Ordem de S. Francisco, Negra e bem negra é essa pagina, pois não houve roubo, tranquibernia e trampolinice que se não tivesse posto em pratica para alcançar a vitoria. E no fim ... falharam os calculos! Os expedientes indecorosos e profundamente azambujescos foram de toda ordem. Bom é relembra-los.

1.º No dia 1 de Dezembro não se fez a eleição, porque Suas Ex.as supunham que niguem lha disputaria.

Como alguem se preparava para disputar-lha logo declararam que já passava da hora para organisar a meza. Puro expediente de fraqueza manifesta e trampolinice descarada.

2.º No dia 15, sentindo-se perdidos compraram um homem, que á sombra da autoridade, praticou um crime pezadamente punivel pelas leis do paiz. A falcatrua e o roubo postos ao serviço dos unionistas.

3.º Começaram então a forjar-se novos cadernos! O livro da inscrição para nada serviu, os estatutos eram letra morta. Riscaram-se muitos e muitos adversarios, que eram socios antigos e meteu-se para lá tudo quanto apareceu á mão: conhecidos, desconhecidos, maiores menores, etc. O bastante para se pôrem a coberto da derrota.

O juiz do Compromisso só patenteiou os cadernos *quando para isso teve ordem*! O cumulo da imbecilidade!

Estando uma vez reunida a direção, o juiz despachou um requerimento dizendo que ia *reunir a direção* para deliberar! As calinadas, foram sem conto.

4.º Entrou depois em ação o peditorio que foi desenfreado e como nunca se viu. Os senhores da *libardade* foram e escreveram para Faro, dando graxa áqueles que apodavam de caciques! Uma vergonha, uma desautorisação.

A galopinagem tornou-se corruta como nunca em tempos da monarquia!.

5.º Agitou-se a vara magica da intriga. Falou-se em questão de barcas, falou-se na *maritima*, falou-se no ouro depositado no Compromisso, etc, A malandragem deu pasto ao seu rancor.

6.º Começou a exercer-se a *pressão*.

As ameaças eram constantes e ferviam como a galopinagem.

E eram de toda a ordem e exercidas nos varios confessionarios da *libardade unionista*.

7.º O suborno deitou tambem as unhas de fóra. Consta que estão feitas ofertas que dariam para dois ou tres «Barris». Isto, além dos empregos varios, como o tal das obras do Porto de Lisboa, e outras.

8.º A lagrima, por parte dos parentes, que se diziam completamente perdidos, tambem fez vergar aqueles a quem incumbia ocupar o seu logar. Processos de... misericordia.

9.º O terror tambem fez parte da negregada campanha. Premeditava-se à vingança torpe e reles, seguros como estavam e estão de que o adversario jamais se emporcalharia com elá. Vilanagem!

10.º Serviram-se por isso do expediente de, para a propria eleição, andarem a acarretar em trens, cuja despeza se não sabe a cargo de quem está, os doentes e impossibilitadas que recebem, aos domingos, uma esmola do Compromisso.

A desumanidade e a pouca vergonha chegou até á ameaça da suspenção de subsidios!

11.º Ainda no segundo dia da votação se requisitou força militar... para atemorisar os ultimos votantes. Edificante!

Em resumo, depois de lançarem mão de todos os expedientes desde a mais ligeira trampolinice á maior falcatrua, desde a lagrima á violencia, desde a mais torpe corrução á premeditação da mais nojenta vingança, desde as mais edificantes cenas de calino até á mais jesuitica intriga, desde a mais cruel retratação de todos os principios liberaes, até ao mais abjeto sirvilismo ante os, por eles, denominados caciques, desde a pressão mais terrorista até á cruel desumanidade de obrigar os pensionistas doentes a votar, depois de tudo isso que é o mais que cabe no coração dos que tal determinaram, o unionismo foi derrotado!

Os unionistas a mandarem como autoridade, a mandarem na Assembléa Geral, na Direção; riscando cincoenta ou mais adversarios e inscrevendo cento e cincoenta seus apaniguados; pondo em ação todo o seu *brilhante* estado maior, tudo isso foi pouco ante o valor de alguns adversarios, que modestos muito embora no nome, são grandes pelo coração, gosando entre a população maritima as maiores simpatias.

E agora os srs. unionistas digam adeus ao Compromisso, pois jamais terão ocasião de praticar o que praticaram. Com a Direção eleita aquela nobre instituição vae entrar numa fase nova da sua vida. Louvaveis serão todos os esforços que se fizerem para tal fim.

POR ESSE ALGARVE

Azinhal

Registamos com grande jubilo a noticia de ter sido chamado a constituir gabinete o eminente estadista dr. Afonso Costa, que, sem a menor dificuldade, apresentou no curto praso de quarenta e oito horas, o novo governo ao sr. presidente da Republica.

No espirito de todos os verdadeiros democraticos do Azinhal reina a maior alegria e satisfação, ao passo que os *devotos* de Santo Antonio José de Almeida permanecem muito tristes e chorosos pela desgraça em que se encontram...

—Espera-se com anciedade a nomeação do novo governador civil, que segundo nos consta deve ser o incansavel propagandista e defensor do ideal democratico no Algarve, sr. dr. João Pedro de Sousa, patrono do Centro Democratico que tem o seu nome n'esta terra.

—Demitiu-se de administrador do concelho de Castromarim o cidadão Jacinto Celorico Palma, chefe dos evolucionistas d'este concelho. Segundo nos consta parece que seguem o mesmo caminho as comissões paroquiaes e municipal do concelho; a confirmar-se esta noticia, vamos ter novo pessoal á testa do concelho. Ainda bem, porque se precisa de uma orientação nova.

—Filiaram-se no partido republicano democratico e inscreveram-se no *Centro Democratico Dr. João Pedro de Sousa*, d'esta terra, os seguintes cidadãos d'este concelho, José Antonio de Almeida Saraiva, Antonio Joaquim Madeira, José João Xavier, Antonio Martins Julio, Joaquim de Brito: Manuel Mateus, João Evangelista Neves, Manuel Silvestre (Val do Pereiro) e Joaquim do Carmo Rodrigues.

Lagos

Causou funda impressão a morte de dois pescadores hespanhoes, sucedida na madrugada de quinta-feira.

Pouco antes de nascer o sol, o mestre e tripulantes do falucho *Juanito* sairam do rio a fim de lançar os aparelhos e apanhar peixe.

Fóra da barra, porem, o mar na sua arrebentação, voltou o pequeno barco, caiodo os pobres homens á agua.

Acudiu prontamente a barca da armação da ponte, mas nada conseguiu ácerca do mestre Antonio Ferrere e seu filho. O outro tripulante foi salvo por ter conseguido agarrar-se ao barco. Os infelizes naufragos eram naturaes de Mager, provincia de Huelva.

S. Braz de Alportel

A dedo! Diz cá esta engraçada creança *Ecos do Sul. A dedo!* Pois não podia vir mais a proposito. Com certeza que, quem teve a lembrança de escrever a piada, não pensou bem no que escreveu. *Só escolhido s a dedo*, digo eu. Responda essa creança ás seguintes perguntas: Quem andará sempre em petiscos de ameixinas e de puxas da ribeira por essas *vendas* e por esses *palacios*? Quem não bebe ha tempos *á vista da gente e para inglez vêr*, por causa dos *ataques*? Será o que *pontifica* de S. Martinho no Centro Democratico ou quem escreveu a piada *A dedo*?

Lembra-te bem meu caro amigo *Bacho arrependido!* Lá diz o rifão já muito antigo: *Antes que te chamem torta põe-te á porta*. Responda e não diga tolices inoconvenientemente que podem quebrar o telhado da sua egrejinha porque tem as telhas de vidro e muito podres. Não admira porque o *tolo* ou o *asno* não se conhece! Se ele se conhecesse por certo que não tinha a lembrança de escrever a piada *A dedo* que lhe cabe perfeitamente.

O *tolo* ou o *asno* comeu as peras e ao *pontifice* dehutou o dente. Vá escrevendo, responda ás perguntas porque o *pontifice* não se importa com taes modelos de virtude.

—Qual será a razão porque o cidadão João Rosa-Beatriz escreveu para o jornal *O Mundo*, dizendo que é falso que tivesse conhecimento do incidente com o sr. dr. João Pedro de Sousa? Quererá tambem negar que estava presente no comicio? Quem não falou? Quem chamou o povo á atenção para seus fins revoltantes? Não seria o cidadão João Rosa Beatriz?

Talvez não! Talvez não fosse ele, porque chegou n'essa manhã de Lisboa e vinha de *oculos redondos*, portanto desconhecido porque n'outro tempo não os usava. Era um homem de oculos que se chama João Rosa Beatriz, solteiro, comerciante, natural d'esta freguezia.. e que se diz ter pertencido a esse digno e nobre grupo dos heroes da Rotunda. Isto é provado por todas as pessoas que assistiram ao comicio.

Quem nega a sua personalidade, nega tudo! O sr. dr. João Pedro de Sousa poderá dizer quem o interpelou e depois dizer se o cidadão João Rosa Beatriz teve ou não teve conhecimento do incidente. Eis o motivo porque ele mandou as celebres cartas para os nossos correligionarios Antonio de Sousa Dias e Antonio de Sousa Dias, sobrinho, enviadas de Lisboa...

Noticias de instrução

Foi cedida á Camara municipal de Olhão, para instalação das escolas oficiaes da vila, a residencia paroquial e a respetiva cerca.

—Em consequencia de não ter sido ainda cedido o edificio do presbiterio de Boliqueime, para instalação da escola do sexo feminino daquela freguezia, fechou a referida secola.

Lamentamos mais este atrazo na instrução do laborioso povo de Boliqueime.

—Encontram-se ao abrigo do decreto de 7 de Janeiro de 1911 as professoras, sr.ª D. Maria de Pilar Prado, da aula do sexo masculino da freguezia de Benafrim Grande, e D. Berta de Aragão Lamy, da escola mista de Bordeira, Santa Barbara de Nexe.

—A frequencia das escolas primarias desta cidade, instaladas no novo edificio das irmãs hospitaleiras foi, nos dias 3, 4, 6, 7 e 8 do corrente, respetivamente de 268, 292, 160, 301 e 293 alunos.

Apraz-nos registar tal fato.

—Foi creada uma escola mista no logar e freguezia de Almancil.

—Já tomaram posse os serventes das escolas primarias de Faro, João Miguel Pires e Ana Gomes Silva.

—Consta que a Camara Municipal de Faro pretende ceder, para fins alheios á instrução, o edificio em construção junto do passeio Vasco Gama.

Este belo predio foi a principio destinado á escola de habilitação para o magisterio primario.

Lamentamos que venha a confirmar-se esta má noticia, por quanto toda a gente sabe que é deficientissima a instalação do liceu e que não oferece as necessarias condições higienicas e pedagogicas o predio em que está instalada a Escola Industrial desta cidade.

—Foi preenchido o 2.º logar da escola do sexo masculino da Fuzeta.

—Estão a concurso as escolas do sexo masculino de Santa Barbara de Nexe, S. Sebastião de Loulé (2.º logar) e mista da Horta de Vilarinhos.

—Ainda não foram nomeados os professores das escolas centraes primarias de Faro; sabemos que as respetivas propostas já foram feitas ha muito, não havendo explicação para taes demoras, que tão grandes transtornos estão causando á instrução.

—Logo que estejam feitas as indispensaveis modificações na residencia paroquial de Olhão; começam ali a funcionar as escolas primarias daquela vila.

—Foram postas a concurso as escolas do sexo masculino de Silves (1.º e 2.º logares) Portimão, S. Sebastião de Loulé, Pereira, Martin-Longo, Alcoutim, Santa Barbara de Nexe, Benafrim, Marmelete, Santo Estevão e Cachopo.

NOTICIARIO

Partiu para Lisboa o sr. dr. Vicente Dias Ferreira, meretissimo juiz da comarca de Faro.

= Já tomou posse do comando canhoneira *Lurio* o primeiro tenente sr. Joaquim Marques.

= Afim de, conjuntamente com os oficiaes da corveta Duque de Palmela, passar uma rigorosa vistoria a este navio, está em Faro o 1.º tenente engenheiro construtor naval, sr. Afonso dos Santos.

= Já retirou para Benavente o sr. dr. Francisco de Sousa Dias, ex-governador civil de Beja.

= Partiu para Lisboa em serviço militar o 2.º sargento de infanteria 33, sr. José dos Santos.

= Confereociaram com o nosso ilustre redator, sr. Lister Franco, os nossos presados correligionarios sr. Bernardino Pereira Brito, José Xavier Pereira e Joaquim Rodrigues Neto, do Centro Republicano Democratico de Estoi.

= Já regressou de Lisboa o sr. Manuel Centeno Passos, nosso correligioonario de Giões.

= Afim de trocar impressões com o sr. Lyster Franco, esteve na redação do *Heraldo* o nosso presado amigo e correligionario sr. Carlos das Silva Nobre, de Olhão.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 19 — D. Maria Santana Flores, D. Augusta Rosa Ferreira, D. Elvira de Sousa Monteiro, D. Clarisse Figueiredo Pereira, Antonio do Carmo Lopes, Alfredo José Madeira, Jacinto Filipe Belchior, José Vitor Pinheiro e João Inacio Tavares.

Segunda-feira, 20—D. Luiza Eugenia Pacheco, O. Maria Amelia Ramos, O. Clotilde Ferreira Brito, Antonio Manuel Batista, João Evangelista Teixeira, Francisco Eduardo Neves, Mariano Ferreira e o menino Alvaro Augusto da Costa.

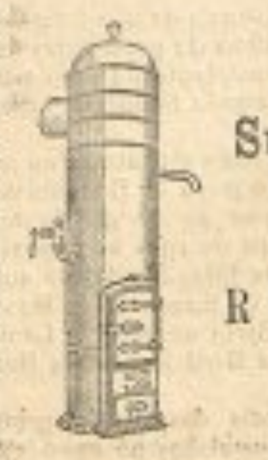
Terça-feira, 21 — D. Balbina Evaristo da Silva, D. Leocadia Rodrigues Bastos, O. Eugenia Augusta Pereira, O. Carolina da Silva Gomes, José Antonio Pires, Joaquim Alberto Moreira, Alfredo Antonio Gaspar e Manuel Filipe Rosa.

Quarta-feira, 22 — D. Augusta Viana Sergio, O. Maria Leopoldina Mendes, D. Adelaide Vieira de Sousa, O. Mariana Rosa Lopes, Antonio Pedro Silvestre, Alfredo Maria da Costa, Bento José de Oliveira, Aurelio Francisco Montes e a menina Elvira de Sousa Prazeres.

Bailes:

O *Club Farense* recebe mascaras nas noites de 19, 26 e 30 de janeiro e 2 de fevereiro, dando uma *soirée* no dia 1 de fevereiro e reuniões familiares na segunda e terça-feira de Carnaval.

Na segunda-feira, 3 de fevereiro, realisar-se-ha uma *matinée* infantil.



LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1888

R Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO

Especiallidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A SUPREMACIA DA

MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER

as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

É A

SINGER "66,,

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRATICA

Estabelecimentos SINGER em todas as cidades do mundo

RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000:000$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo
Seguros maritimos
Seguros de cristais
Seguros contra roubos
Seguros postaes
Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 32 38 — LISBOA

Comida e cama a 800 e 1$000 rs. Camas a 200 e 300 rs

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONAES DA NOSSA CIVILISAÇÃO

A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU.

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

IMPRESSÕES A CORES E OURO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospetos, bilhetes de visita, modelos de reparitições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de oficios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

VARIEDADES DE BILHETES DE VISITA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Pagamento adeantado)

Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1$440 réis; Provincias, 1$500 réis avulso, 120 réis.

Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1$700 réis.

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

ARTE *Revista literaria e cientifica de que é Diretor* MARQUÊS ABREU

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de artigos de Farmacia, Drogaria e Fotografia, das mais acreditadas casas produtoras — Grande deposito de especialidades nacionaes e estrangeiras objectos de borracha, cautchouc, fundas, irrigadores, canulas e perfumarias

FABRICO ESCRUPULOSO DE EXTRATOS FLUIDOS

Fornecimento para Farmacias, Hospitaes e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

E' um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar— **A saude das creanças.**

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despeza esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis.

Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da reducção da despeza resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os colegios e liceus

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as côres; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, fatos e luvas, assim com o lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio, lava-se lã para colchões, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamete novas.

Examine-se a côr no ato da entrega e se dinstinguir, restitui-se a importancia.—Preto para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 58-A—FARO